

RODRIGUES, Ozaías da Silva. A força dos que resistem e a sanha dos que atacam: um debate sobre racismo religioso, intolerância e religiões de matrizes africanas. 1. ed. São Paulo: Editora Meraki, 2023.

Samantha Pereira Neves¹

O livro é resultado da dissertação de mestrado de Ozaías da Silva Rodrigues, realizada junto ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Sua pesquisa tem como foco central a análise dos casos de racismo religioso e intolerância contra candomblecistas em Fortaleza e região metropolitana. A investigação busca compreender não apenas os ataques simbólicos e físicos dirigidos aos adeptos e aos espaços de culto, mas também as reações e estratégias de enfrentamento utilizadas por essas comunidades diante das violências sofridas no contexto urbano. A metodologia utilizada incluiu a produção de diários de campo, com base na observação-participante, além da realização de entrevistas semiestruturadas individuais. Os resultados evidenciam divergências nas classificações dos ataques relatados, mas indicam a predominância da compreensão desses eventos como expressões de racismo religioso.

Logo na introdução, podemos perceber que o autor realiza um levantamento dos trabalhos acadêmicos produzidos entre os anos de 2012 e 2022 que utilizaram o termo *racismo religioso*. Esse mapeamento revela que a região Norte foi a que menos produziu pesquisas sobre o tema, totalizando apenas quatro trabalhos. A pesquisa considerou produções de todas as regiões do país, permitindo uma análise crítica da distribuição geográfica do interesse acadêmico sobre o assunto.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC/AM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1593-2532>. E-mail: samantha.neves@prof.am.gov.br

Com base nos dados apresentados, a escassez de produções acadêmicas sobre racismo religioso na região Norte é um dado alarmante, que revela silenciamentos estruturais e desigualdades no acesso à pesquisa e à produção de conhecimento. Apesar da presença marcante de comunidades tradicionais e de povos de terreiro na região, o tema ainda é pouco explorado nas universidades, o que pode estar relacionado à invisibilidade histórica dessas populações e à falta de políticas de incentivo à pesquisa voltada para questões raciais e religiosas. Em contraste, temos as regiões Sudeste e Nordeste que lideram a produção acadêmica sobre o tema, com 41 e 31 trabalhos respectivamente.

A estrutura do livro apresenta uma particularidade que merece destaque: os capítulos foram organizados no formato de artigos acadêmicos, totalizando quatro ao longo da obra. Essa abordagem permite que cada capítulo seja lido de forma independente, uma vez que possuem introdução, desenvolvimento e conclusão próprios, facilitando a compreensão dos temas trabalhados. Dessa forma, o leitor ou pesquisador pode escolher a leitura conforme seu interesse específico, seja para aprofundar-se em um tema particular ou para compreender os conceitos gerais abordados, como racismo religioso e intolerância religiosa. Essa estrutura confere à obra uma flexibilidade metodológica que a torna acessível tanto para acadêmicos quanto para o público interessado na temática.

O Capítulo 1, intitulado “*A atualidade do racismo religioso: o encontro entre pesquisadores e interlocutores na encruzilhada da teoria e dos conflitos*”, apresenta as bases conceituais e empíricas que sustentam a discussão sobre o racismo religioso no Brasil contemporâneo. O autor parte do reconhecimento de que, ao longo da década de 2010, o conceito de *racismo religioso* passou a ganhar centralidade tanto no campo acadêmico quanto nas mobilizações sociais protagonizadas por pessoas negras e seus aliados. Trata-se de um conceito que descreve os ataques físicos, simbólicos, institucionais direcionados às religiões de matrizes africanas, que historicamente sofrem com a marginalização, o preconceito e a violência sistemática.

Almeida (2019) demonstra que o racismo organiza as relações políticas, econômicas e institucionais de forma a perpetuar desigualdades e violências históricas. A obra de Rodrigues no capítulo 1 corrobora empiricamente essa estrutura nas narrativas e experiências de candomblecistas que sofrem ataques físicos e simbólicos. Ambos reforçam que reduzir o problema ao campo da “intolerância”, termo neutro e liberal, invisibiliza a dimensão política e racial da discriminação, que está enraizada em hierarquias de poder herdadas do colonialismo e atualizadas nas práticas cotidianas de perseguição às religiões afro-brasileiras.

O autor propõe uma reflexão sobre a articulação entre identidade religiosa e identidade étnica, destacando como a religião é vivida não apenas como prática espiritual, mas também como expressão de uma identidade coletiva, vinculada à memória e ao pertencimento cultural. Assim, os ataques a essas religiões podem ser compreendidas também como agressões de cunho étnico-racial, uma vez que atingem a base simbólica e histórica desses grupos. Rodrigues cria o conceito de *corpo macumbeiro*, uma identidade racializada que ultrapassa os limites da cor da pele e se expressa pela filiação religiosa afro-brasileira. Ao trazer esse conceito, o capítulo oferece uma contribuição original para o entendimento das múltiplas camadas do racismo religioso no cenário urbano e social brasileiro.

O Capítulo 2, intitulado “*Entre a apropriação cultural e o racismo religioso: bolinho de Jesus, capoeira gospel e maracatu de Jesus*”, aborda a complexa relação entre apropriação cultural e racismo religioso, apontando como práticas culturais afro-brasileiras vêm sendo sistematicamente esvaziadas de seus significados originários e ressignificadas sob uma lógica cristã, sobretudo por segmentos neopentecostais fundamentalistas. A discussão parte do entendimento de que o racismo estrutural atua não apenas sobre os corpos negros, mas também sobre suas manifestações culturais e religiosas. O autor utiliza a frase “*mata-se o corpo, mata-se a cultura*” (p. 58) para sintetizar como a violência simbólica está presente na apropriação de elementos culturais afro-brasileiros.

O alvo da apropriação é sempre a cultura negra e essa apropriação não ocorre de maneira neutra: ela está articulada a um projeto de poder que se inscreve nas estratégias de expansão de certas igrejas neopentecostais no Brasil, que, ao mesmo tempo em que demonizam as religiões de matriz africana, delas se alimentam para reinventar suas formas de culto e estética religiosa. Rodrigues (2023) cita o caso do maracatu em Pernambuco para ilustrar como o racismo religioso e a apropriação cultural caminham juntos. As tentativas de evangelização de brincantes, a demonização de símbolos e personagens tradicionais, a transformação de elementos culturais, como o batuque e o maracatu, em expressões “gospel” evidenciam não apenas uma disputa de poder religioso, mas também um movimento de esvaziamento e reapropriação da cultura afro-brasileira para fins de proselitismo cristão.

O Capítulo 3, intitulado “*Me gritaram negra*”: um debate sobre racismo, intolerância e racismo religioso, propõe uma reflexão aprofundada sobre os limites conceituais da expressão “intolerância religiosa” e defende a adoção do termo “racismo religioso” como uma categoria mais adequada para compreender as violências enfrentadas pelas religiões de matrizes africanas. O autor argumenta que, ao tratar dos ataques a religiões de matrizes africanas, não falamos apenas em atos de intolerância religiosa, mas nas implicações ao interpretar tais agressões como uma recusa genérica à convivência com o diferente. Quando se recorre ao conceito de racismo religioso, o foco se desloca para o cerne da questão: a rejeição específica à religiosidade negra.

Rodrigues também aponta que essa disputa conceitual aparece nas narrativas afrorreligiosas e entre pesquisadores da área, segundo os dados da pesquisa de campo, o termo “racismo religioso” tende a ser mais utilizado por candomblecistas com ensino superior ou inseridos em movimentos sociais, revelando um vínculo entre letramento político e a nomeação particular de certas opressões. Para aprofundar a análise sobre racismo religioso, vale destacar o diálogo entre a obra resenhada e o livro *Intolerância Religiosa*, de Sidnei Nogueira. Ambas contribuem para

uma compreensão mais ampla do fenômeno ao tratar a intolerância religiosa como expressão de um racismo estrutural que atravessa a cultura, a política e o cotidiano das religiões afro-brasileiras. Ambas as obras defendem que a violência contra as religiões afro-brasileiras não pode ser compreendida apenas como *intolerância religiosa*, um termo muitas vezes neutro e genérico.

Ao contrário, os dois autores propõem a categoria *racismo religioso* como forma mais precisa de nomear as violências direcionadas às religiões de matriz africana, apontando seu caráter estrutural, histórico e político. Enquanto Nogueira (2020) demonstra como a perseguição religiosa é alicerçada por um projeto de poder colonial e cristão-hegemônico, Rodrigues (2023) mostra essa mesma estrutura operando nas narrativas cotidianas dos candomblecistas, nos seus modos de resistência e nas suas estratégias de enfrentamento.

O Capítulo 4, intitulado “*A intolerância religiosa e o racismo religioso em pauta: o que dizem os acadêmicos e os candomblecistas*”, propõe um diálogo entre os discursos produzidos no meio acadêmico e as vozes dos praticantes de religiões de matriz africana, especialmente candomblecistas. A categoria “intolerância religiosa” revela, em si, uma desigualdade estrutural de poder no campo religioso brasileiro. Quando se fala em intolerância, é preciso considerar que ela parte, majoritariamente, de grupos hegemônicos e que detêm poder político, econômico e midiático, contra religiões subalternizadas, como é o caso das afro-brasileiras.

Isto é, ao negar a legitimidade de outras crenças, o discurso intolerante tenta impor uma única verdade religiosa, geralmente vinculada a projetos missionários de cunho cristão-evangélico. Essa lógica está enraizada em uma postura etnocêntrica, que é base tanto para o racismo quanto para a exclusão religiosa. Quando esse etnocentrismo se articula a religiões monoteístas, cria-se um terreno fértil para a produção de discursos discriminatórios e práticas de violência simbólica e física contra determinadas expressões religiosas.

Um ponto de destaque no capítulo é a discussão sobre o papel da educação na promoção

do respeito à diversidade. Rodrigues aponta que a legislação brasileira prevê o reconhecimento e a valorização da pluralidade cultural e religiosa, especialmente por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Outro aspecto relevante apontado é a compreensão de que a laicidade da educação é um processo em construção, não é um dado garantido nem um estado permanente das coisas. Uma educação verdadeiramente laica exige o enfrentamento do racismo religioso e a incorporação efetiva das discussões sobre relações étnico-raciais nos currículos escolares.

Assim, a obra *A força dos que resistem e a sanha dos que atacam* é de grande relevância para o campo acadêmico e social por oferecer uma análise crítica e atualizada sobre o racismo religioso no Brasil. Cada capítulo contribui singularmente para o entendimento das múltiplas violências enfrentadas pelas religiões de matrizes africanas, articulando teoria, pesquisa de campo e vivências do autor. O livro valoriza as vozes dos sujeitos afetados, tensionando conceitos e propondo novas categorias de análise. Sua leitura é fundamental para quem busca compreender e combater as formas estruturais de discriminação racial e religiosa no país.

Referências

ARAÚJO, Mateus. “Em Pernambuco, maracatu é tema de disputa entre fé e tradição”. Uol TAB. 20/02/2020. Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/20/em-pernambuco-maracatu-vira-disputa-entre-fe-e-tradicao.htm> > Acesso em: 26/06/2025.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

RODRIGUES, Ozaias da Silva. **A força dos que resistem e a sanha dos que atacam: um debate sobre racismo religioso, intolerância e religiões de matrizes africanas**. 1. ed. São Paulo: Editora Meraki, 2023.

SILVIO, Almeida. **Racismo estrutural**. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.